

Perfil socioeconômico e características da atividade e da comunidade de Forte Velho – PB

Socioeconomic profile and characteristics of the activity and community of Forte Velho – PB

Janaina Barbosa da Silva

Universidade Federal de Campina Grande, Unidade Acadêmica de Geografia (UFCG-UAG)

Docente da UFCG-UAG (UFCG-UAG)

janainasimov@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0001-6366-2165>

Cleber Vasconcelos de Oliveira (in memorian)

Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão de Recursos Naturais, Universidade Federal de Campina Grande, (PPGEGRN-UFCG)

Resumo

O estudo realizado na comunidade Forte Velho, Santa Rita, PB, decorreu entre janeiro de 2017 a janeiro 2019, objetivou caracterizar a atividade pesqueira praticada e seus aspectos socioeconômicos; as espécies faunísticas economicamente importantes; identificar traços culturais relativos à pesca artesanal, suas dificuldades e perspectivas, relacionando tradição e atualidade na atividade pesqueira realizada. Utilizou-se de dados qualitativos e quantitativos através da realização de entrevistas. Como resultados tem-se a identificação de 20 pesqueiros, 11 tipos de petrechos de capturas e 32 espécies exploradas, seguido dos crustáceos e os moluscos, respectivamente. A frota é de 41 embarcações; os pescadores locais estão na atividade em média há quase 30 anos, possuem 46 anos em média e o ganho mensal não supera os 02 salários mínimos. Tem-se a diminuição significativa da atividade pesqueira local, dos estoques, desvalorização do conhecimento.

Palavras-chave: Comunidade tradicional. Pesca artesanal. Ictiofauna estuarina. Etnografia pesqueira

Abstract

The study carried out in the Forte Velho community, Santa Rita, PB, took place between January 2017 and January 2019, aiming to characterize the fishing activity carried out and its socioeconomic aspects; economically important faunal species; identify cultural traits related to artisanal fishing, its difficulties and perspectives, and relate tradition and current affairs to the fishing activity carried out. Qualitative and quantitative data was used through interviews. As a result, 20 fishing grounds were identified, 11 types of fishing gear, and 32 exploited species, followed by crustaceans (shrimp and Uçá Crab) and molluscs, respectively. The fleet is made up of 41 vessels; Local fisherman have been in the activity for an average of almost 30 years, they are 46 years old on average and their monthly earnings do not exceed 2 minimum wages. There is a significant decrease in local fishing activity, stocks, devaluation of knowledge.

Keywords: Traditional community. Artisanal fishing. Ichthy estuary. fishing ethnography

Introdução

A problemática em torno da desarticulação da pesca artesanal em comunidades litorâneas vem repercutindo negativamente na reprodução social desta categoria, não raro, forçando-os a experimentar mudanças antes inimagináveis.

Neste âmbito, os pescadores da comunidade *Forte Velho*, no estuário do Rio Paraíba do Norte, percebem os efeitos dessa mudança a partir dos acontecimentos “do outro lado do rio”, ou seja, a carga ambiental nociva da Região Metropolitana de João Pessoa que compromete os estoques marinhos e consequentemente a manutenção laboral dessas populações (GUEDES, 2002). Como argumenta Begossi (2010), conhecimentos da natureza local, seletividade de pesca, uso costumeiro, regras inerentes à territorialidade dos espaços haliêutico e de seus eventuais conflitos, tem sido relevante em pesquisas versadas à ecologia e etnoecologia marinha, servindo inclusive, para o aprimoramento do manejo dos estoques pesqueiros e nas diferentes organizações dessa produção¹.

Estudos sociais das populações pesqueiras no Brasil remontam à década de 1945, com o pioneirismo de Gioconda Mussolini, e seu interesse pela pesca caíçara no litoral paulista. Anos depois, essa mesma temática, sob a premissa da “modernização” do setor pela Superintendência de Desenvolvimento da Pesca – SUDEPE, na década de 1960, ampliaria o interesse em compreender as diferentes maneiras com que os sujeitos da pesca dialogam com os meios aquático e terrestre (OLIVEIRA e SILVA, 2018, p.1).

No entanto, a literatura haliêutica ganharia maior expressão a partir de 1970, principalmente com as contribuições advindas de pesquisadores nordestinos da monta de Simone Maldonado, Cristiano Ramalho, Câmara Cascudo, etc. e nortistas, como Lourdes Furtado, Alex Fiúza, Maria Cristina Maneschy e Violeta Loureiro, apenas para citar alguns.

Como objeto de interesse de cientistas sociais no campo interdisciplinar, a vertente da pesca artesanal tem recebido atenção especial quanto à organização do trabalho, da vida e nas relações socioambientais e culturais dessas populações. Com realidades e modos de vida complexos, esses, *povos das águas*, desenvolvem, em conjunto com o mar, uma relação *sui generis* plenamente não compreendidas frente às emergentes e dinâmicas transformações na organização de suas relações do espaço extra comunidade (MUSSOLLINI, 1945; DIEGUES, 1999).

Alinhada historicamente com as Ciências Sociais, a etnografia pesqueira desenvolve-se como uma vertente da antropologia cultural, que refuta o interesse nas sociedades primitivas e seus sistemas econômicos simples, para valorizar o campo analítico de compreensão em torno da

¹ Ver Diegues, 1999. A socioantropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil, p. 369.

organização econômica, trabalho, seletividade das espécies, calendário produtivo, petrechos, técnicas e o tempo dedicado à pesca (RODRIGUES e GIUDICE, 2011).

Trabalhos versados em identificar e nomear *hot spot* da pesca tem ganhando notoriedade em estudos etnoecológicos, a exemplo dos encontrados desenvolvidos por Maldonado (1993), Furtado (2004) e Begossi (2004).

A delimitação desses pontos e seus respectivos recursos têm contribuído para a gestão partilhada de informações entre instituições e agentes da pesca, tornando eficiente as políticas de gerenciamento pelos órgãos de controle e proteção desses espaços e a consequente manutenção dos estoques, mitigando, portanto, uma gama de conflitos socioambientais (CASAL e SOUTO, 2011; LIMA, 2016).

Neste artigo propomos um olhar etnográfico tendo por base as áreas de usos dos pesqueiros, o modo de produção da pesca artesanal e a influência dos conhecimentos tradicionais em Forte Velho. Desse modo, buscamos subsidiar com dados possíveis planos de manejo futuros que efetivamente venham atender as numerosas necessidades da comunidade quanto a potenciais ordenamentos pesqueiros.

Metodologia

O estudo realizado na comunidade Forte Velho, município de Santa Rita, PB, decorreu entre janeiro de 2017 a janeiro de 2019. Utilizou-se de dados qualitativos e quantitativos através da realização de entrevistas semiestruturadas e observações diretas no local com 35 participantes, identificados como pescadores. Para a identificação das áreas de pesca, tem-se o uso de embarcação, conduzida por um pescador com experiência e tradição pesqueira, indicado pelo líder da colônia de pescadores local, onde se utilizou de aparelho receptor *GPS Garmin etreX 10* com baixa acurácia posicional; software *GPS Track Maker* versão livre 13.8.

Resultados e discussões

Renda

Em Forte Velho, 61.2% dos entrevistados têm rendimento médio familiar inferior a um salário mínimo; enquanto 25,8% afirma receber um salário, e acima de dois salários, 9,67%, corroborando, deste modo, a pouca capilaridade de capital auferida a partir da pesca artesanal. Ao analisarem o perfil socioeconômico dos pescadores artesanais do ERPN, Marcelino et al., (2005), apontavam que o rendimento médio dos pescadores era de 0.90 salário mínimo em 1998, denotando que decorridos 20 anos, a precariedade econômica é ainda uma realidade.

Nesse contexto, a dependência exclusiva da pesca, concomitante aos baixos soldos, motiva em caráter de necessidade o pescador complementar sua renda. Consoante Marcelino et al., (2005, p. 186) o declínio na produção pesqueira nos anos de 1990 demonstraram ser imperativa necessidade de arregimentar outras estratégias de ganho financeiro fora da atividade pesqueira, forçando dessa maneira os pescadores a dependerem cada vez menos dos recursos do estuário. Entre os trabalhos alternativos, os mais comuns aparecem pequenos serviços na construção civil, manutenção, conservação e vigia de imóveis de segunda residência de turistas, e serviços diversos.

A precarização das condições socioeconômicas do pescador, bem como da atividade pesqueira, não é um fenômeno exclusivo de *Forte Velho* ou da costa nordestina. Espalha-se igualmente para regiões reconhecidamente prósperas, notadamente a região amazônica, considerada o *celeiro pesqueiro* nacional. Sobre a crise pesqueira, Lima et al. (2012) apontam que 47,5% dos pescadores do médio Rio Madeira, São Carlos e Calama desaconselham os filhos a seguirem a carreira dos pais; enquanto Amanajás (2017) registrou no Oiapoque 31,68% e em *Forte Velho* 59% daqueles que almejam ver a prole em outras profissões, portanto superando a média de outras regiões indicando assim, grave desincentivo à continuidade da profissão.

Escolarização

No tocante à escolarização, 31% dos pescadores declararam ter concluído o ensino médio, 58,6% o fundamental e 6,45% não são alfabetizados. Apesar de ainda baixo os indicadores escolares na comunidade, os dados apontam que aqueles que dispõem de Ensino médio têm se mantido no universo marinho, sobretudo na pesca profissional e na navegação de cabotagem, que coopta a população jovem tanto de Forte como de Lucena e Cabedelo para trabalharem normalmente fora da Paraíba e até mesmo fora do País.

Com melhores pagamentos e garantias trabalhistas asseguradas, as jornadas laborais nos navios seduziram o interesse dos mais jovens, repercutindo no comprometimento da manutenção da tradição pesqueira comunitária. Pescadores e seus filhos são taxativos em reiterar o desinteresse na herança da profissão dos pais, inclusive pelo próprio pescador. Ciente das dificuldades e das escassas perspectivas na pesca, os mais jovens são estimulados a almejar campos profissionais financeiramente mais atrativos, essas encontradas certamente fora da comunidade.

A reconfiguração da organização social em torno da pesca acompanha os ditames dos *novos tempos*. Tempos esses impostos pela competitividade capitalista, onde a informação e capacitação pessoal são prerrogativas mínimas para se destacar frente às novas e complexas demandas do mercado. Assim, a reformulação no projeto de vida e a consequente relação com a redução no

interesse pela atividade podem estar justificadas na ampliação da oferta educacional à população mais jovem, de certa forma facilitada pela assistência de duas escolas em funcionamento na comunidade.

Nesse âmbito, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Eulina Xavier, que oferece matrícula na pré-escola, e aos alunos do 1º ao 5º ano do fundamental – I; e outra de âmbito Estadual, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio de Forte Velho, voltada à oferta do ensino fundamental – nas séries iniciais e finais e o ensino médio regular e na modalidade (Educação de Jovens e Adultos – EJA), anos iniciais, presencial. Os espaços atendem a alunos de *Forte Velho* e de comunidades próximas como Ribeira e Livramento (CENSO ESCOLAR/INEP 2017) (Quadro 1).

Quadro 1- Caracterização socioeconômica dos pescadores

Número de pescadores		
Rendimento familiar	≤ 01 salário mínimo	19
	Igual a 01 salário	12
	≥ 02 salários	04
Escolaridade	Não alfabetizados	03
	Ensino Fundamental	22
	Ensino Médio	10
Tipo de imóvel	Madeira	0
	Alvenaria	35
Exerce outras atividades remuneradas (Construção civil, comércio e outros serviços)	Sim	16
	Não	19

Fonte: Autores (2023).

Embora o rendimento salarial nominal seja baixo; constatou-se que 100% dos pescadores apresentam residências em alvenaria assistidas por água encanada e esgotamento sanitário por fossa séptica, no entanto, essa realidade de melhoria nas infraestruturas sanitárias é relativamente recente. Contam os moradores que até por volta dos anos 2000, boa parte dos imóveis eram de taipa e palha e ocupadas por dezenas de famílias que viviam organizadas sob o regime de *foro*; situação social em que o direito de posse dos terrenos onde residiam não existia em razão do vínculo empregatício precário junto aos proprietários das terras (Figura 1).

A estagnação do ciclo do coco na *Fazenda Forte Velho* na década de 2000, entre outros eventos, permitiu aos colonos a oportunidade em adquirir seus lotes ocupados há gerações, sendo possível perceber desde então uma melhoria paulatina das condições física dos imóveis que invariavelmente repercutiria na qualidade de vida desses moradores.



Figura 1 - Perfil dos imóveis até a década de 1990 (A), imóveis em alvenaria a partir de 2000 (B).
Fonte: Arquivo da Família Pessoa (A). Cleber Oliveira (B), 2018.

Faixa etária / Tempo de pesca

A idade dos pescadores entrevistados oscila entre 23 e 70 anos (Tabela 1), denotando perfil etário superior a 45 anos. Registramos pessoas com idade superior a 70 anos ainda ativos na rotina pesqueira, no entanto, 38% postulam ter iniciado a pesca ainda crianças, logo o tempo laboral é de 29,8 anos. Ante o exposto, a média etária dos pescadores de *Forte Velho* é parecida com a de outros pescadores ribeirinhos brasileiros, assim como registrado por Petrere Jr. et al. (2006), Silva (2012) e Lima et al. (2012).

Tabela 1- Perfil da pesca dos entrevistados.

Entrevistados (N) 31	Frequência
Idade Média	45,9
Máxima	70
Mínima	23
Tempo médio profissão (anos)	29,8 anos
Mínimo	4 anos
Máximo	45 anos
Dias trabalho (semanal)	≈ 4,2 dias
Máximo	6 dias
Mínimo	2 dias
Horas trabalhadas (diária)	
Mínimo	3h
Máximo	5h
Acesso ao ponto de pesca	
Barco (caico)	89,5%
Pés	4,5%
Ambos	6%

A média de dias trabalhados na semana oscilou entre 2 e 6 dias, registrando média de 4,2 dias/semana. A média de horas trabalhadas por dia oscilou entre 3 e 5 horas, correspondendo a 75,2% e 24,8% dos entrevistados, respectivamente. Por se tratar da pesca de uma atividade eminentemente dependente de fatores naturais como (condições de vento, sol, chuva, temperatura, correntes marinhas, etc.), o tempo efetivo de um pescador na maré oscila conforme a oportunidade da própria pescaria.

Uso de embarcação e deslocamento ao pescador

A importância desse meio de transporte ainda é significativa para 89,5% entre os entrevistados; no entanto, 4,5% menciona que não usa o transporte, deslocando-se exclusivamente a pé, enquanto que para 6% alegam em algum momento ir a pé como de *Caíco* para o local da pesca, a depender de condições como oportunidade de pesca, meteorologia e pronta condição de uso da embarcação no dia. Observou-se que mesmo em pescarias próximas à beira do rio e de frente à comunidade, os pescadores não deixam de usar a embarcação, pois essa os auxilia em diversos aspectos, principalmente no transporte das redes e dos demais petrechos.

O *Caíco* é uma das denominações da Canoa, e tem por característica física o seu fundo chato, e sem quilha, movido a Vela ou remo, bastante comum em áreas de estuários com limites de uso costeiros (LUCENA-FRÉDOU, 2021, p. 383).

Importância da pesca/ implicações culturais da pesca na comunidade

Nos idos de 1930 a 1990, as terras de *Forte Velho* eram de domínio privado familiar que tinham no cultivo do coco, da manga e da mandioca seu mote de desenvolvimento econômico. Informantes revelam que a tradição pesqueira nos tempos áureos da *Fazenda Forte Velho* era incipiente, assumindo um caráter mais recreativo e de complementação proteica, – dada a abundância de pescados no estuário – do que reconhecidamente uma profissão assumida entre os comunitários.

Apesar de existir uma organização em torno das atividades pesqueiras, sobretudo de (peixes e crustáceos) é possível afirmar que esta não foi relevante na constituição simbólico-cultural para a comunidade, em outras palavras, não foi capaz de forjar uma identidade cultural original que

reproduzisse uma identidade em torno da pesca ao passo como ocorreu, por exemplo, no Pará, através do *Carimbó*².

Prevaleceu, portanto, enquanto manifestação cultural da comunidade o folgado popular caracterizado pelo *Coco-de-Roda*, expressão notadamente das comunidades rurais litorâneas versadas à cultura agrícola do coco e da cana-de-açúcar nos antigos engenhos, desse modo, reforçando o histórico cultural rural dos roçados em detrimento a ambiência na pesca.

Percepção socioambiental da pesca no ERP

Para 92% a importância da atividade pesqueira é descrita como muito elevada, enquanto 8% dos entrevistados a consideram apenas elevada. Arguidos a respeito do grau de importância da pesca na comunidade; 68,75% afirmaram ser muito elevado; 25% elevado e 6,25% não opinaram. Apesar de significativo o percentual daqueles que percebem a pesca como muito importante, ressalva-se que a comunidade tem fomentado outras atividades econômicas, notadamente a prestação de serviços através de investimentos particulares no ramo da gastronomia (bares, restaurantes), casas de comércio, havendo, inclusive, enorme potencial turístico e cultural ainda pouco explorado.

No tocante à percepção acerca do tamanho dos pescados capturados nos últimos anos, 81,25% afirmaram não ter mudado, e 18,75%, notaram diferença. A percepção a respeito do volume capturado, 43,75% diz ter diminuído enquanto 31,25% não ter alterado. Já 12,5% não souberam responder. Procurando compreender a diminuição dos estoques pesqueiros, questionou-se a respeito das possíveis motivações. O entendimento coletivo (86%) apontou a fatores antrópicos, sobretudo, a contaminação do rio (65%); sobrepesca (24%) e erosão (11%), respectivamente.

Para 89% dos participantes, a causa da diminuição dos estoques estaria fora da comunidade, principalmente no volume de “lixo” encontrado no rio, não havendo, deste modo, menção à contaminação por efluentes da Região Metropolitana de João Pessoa, tão pouco os tanques de carcinicultura instalados na comunidade.

Identificação dos pontos de pesca no Estuário do Rio Paraíba

Por conta das grandes dimensões do ERP, a distribuição dos pescadores nesse espaço geográfico demonstrou ser bastante dispersa, principalmente quando se tem diferentes categorias de pescadores (catadores de caranguejo, marisqueiros e pescadores) que exploram de maneira particular cada um desses pontos.

² O Carimbó, patrimônio imaterial cultural paraense, de influência africana, indígena e portuguesa, traz em seus versos a rotina do caboclo ribeiro e, sobretudo, pescador, do litoral do nordeste do estado. Lendas locais, histórias de amor, aspectos naturais e da rotina pesqueira são seus principais motes de inspiração.

Desse modo, ouvindo esses agentes e realizando incursões no estuário através de barco, podemos identificar 20 pontos de pesca que consoante seus aspectos fisiográficos, foi possível categorizá-los em Croas e Gamboas. Os pescadores descrevem as “*Croas*”/“*Coroas*” e *Gamboas* como *pontos ótimos* de pesca, propícios à diferentes modalidades de pescarias, mas que também guardam particularidades nas espécies possivelmente encontradas (Quadro 1).

De acordo com Casal e Souto, (2011), as *Croas* são áreas de intermarés, compostas de substrato lodo-arenoso que afloram na baixa-mar, sendo naturalmente propícias à reprodução de mariscos. Como correspondem a ecozonas transicionais entre o ambiente de terra firme e áreas de mangue, são facilmente acessados sem a necessidade de embarcação, essa característica faz com que o tempo-limite de trabalho nessas áreas seja regulado pelas marés (Figura 2).

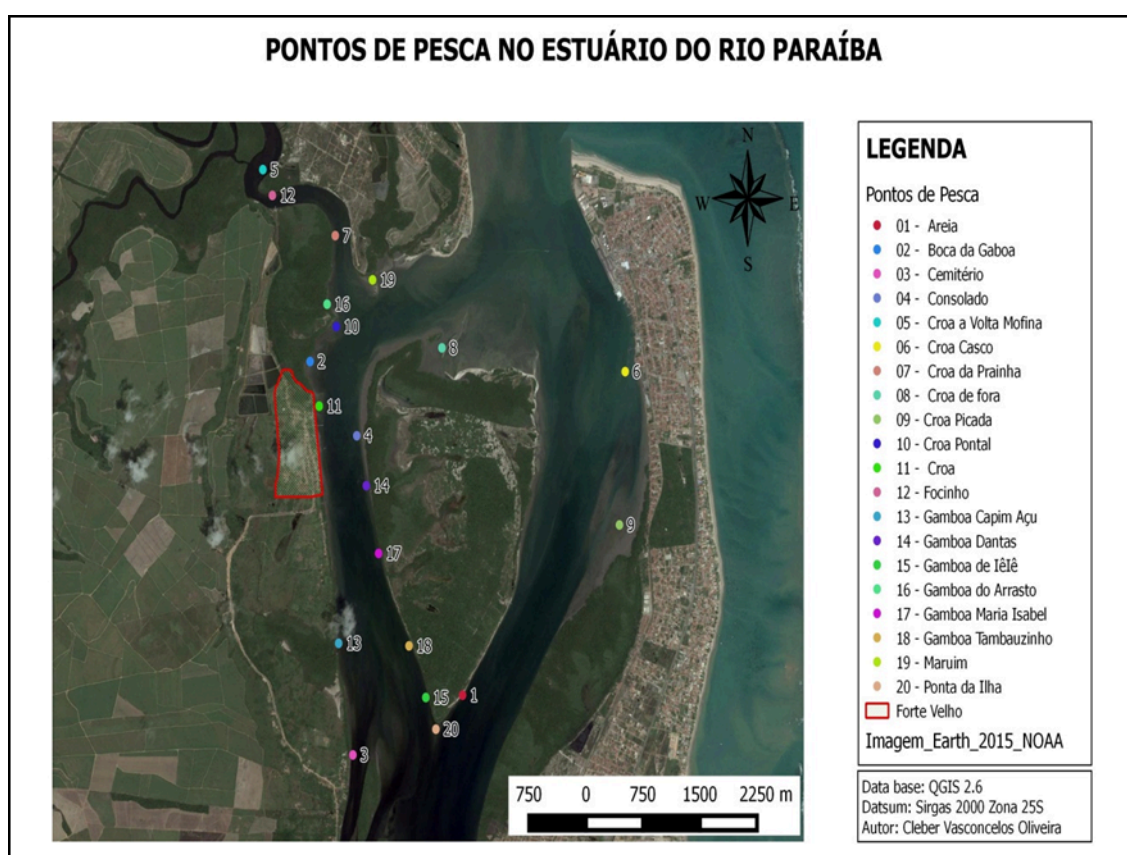


Figura 2- Localização dos pontos de pesca no estuário do Rio Paraíba.
Fonte: Oliveira (2018).

Os pescadores descrevem as “*Croas*”/“*Coroas*” e *Gamboas* como *pontos ótimos* de pesca, propícios a diferentes modalidades de pescarias, mas que também guardam particularidades nas espécies possivelmente encontradas. De acordo com Casal e Souto, (2011), as *Croas* são áreas de intermarés, compostas de substrato lodo-arenoso que afloram na baixa-mar, sendo naturalmente propícias à reprodução de mariscos. Como correspondem a ecozonas transicionais entre o ambiente

de terra firme e áreas de mangue, são facilmente acessados sem a necessidade de embarcação, essa característica faz com que o tempo-limite de trabalho nessas áreas seja regulado pelas marés.

Gamboas, por sua vez, correspondem às desembocaduras de córregos, “canais” de rios semiabrigados da ação das marés, que permitem a troca entre água doce do continente e salgada do mar. Tem solo fértil em nutrientes e matéria orgânica com características lodosas e, composto por raízes e material vegetal parcialmente decomposto sendo considerado berçário e abrigo para variadas espécies animais e vegetais.

Os pesqueiros, ou pontos de pesca mais citados pelos pescadores de *Forte Velho* foram classificados em onze croas, oito gamboas e uma margem de areia³, respectivamente: (3) Cemitério; (4) Consolado; (5) Croa Volta Mofina, (6) Croa Casco; (07) Croa da Prainha; (08) Croa de fora; (09) Croa Picada, (10) Croa Pontal; (11) Croa⁴; (12) Croa Focinho; (20) Croa Ponta Ilha; (02) Boca da Gamboa; (13) Gamboa Capim Açú; (14) Gamboa Dantas; (15) Gamboa IêIê, (16) Gamboa do Arrasto/Arrastado; (17) Gamboa Mãe/Maria Izabel; (18) Gamboa Tambauzinho; (19) Gamboa Maruim e (01) Areia.

A proximidade geográfica entre municípios e comunidades que dividem o espaço geográfico do estuário torna suas divisas algo meramente virtual. Nesse sentido, os pescadores partilham entre si os mesmos pontos de pesca, todavia respeitam as regras de conduta baseada no *uso costumeiro*. Dentre as regras elementares de uso costumeiro temos o respeito da ordem de chegada e permanência do pescador no pesqueiro a distância considerada por eles “tolerada”.

Etnoespécies com valor comercial capturadas no ERP

Das espécies descritas, 24 são peixes; 03 moluscos (Ostra de galho, Sururu de lama e Marisco de areia) e 03 formadas por crustáceos (Caranguejo-Uçá, Siri, Aratu). Em face o caráter etnográfico da pesquisa, a descrição das espécies capturadas preconiza a nomenclatura usual empregada pelos pescadores de Forte Velho, portanto, optamos por desconsiderar a ictiologia científica nessa caracterização, embora se reconheça a necessidade de posterior classificação, para fins de avaliação qualitativa destas espécies.

A geomorfologia estuarina no ERP torna a distinção entre as espécies de peixes capturados preamar ou baixa-mar bastante acentuada comparativamente às Croas e Gamboas (Quadro 2). No entanto, o pesqueiro “Areia” – não descrito nem por Croa, nem por Gamboa – aparece como único ponto onde essa variação é menos significativa. Já na “Croa Maruim”, espécies oceânicas, a

³ Margem de areia semelhante a uma praia fluvial junto à porção sudeste da Ilha da Restinga

⁴ Recebe somente esse nome

despeito do Xaréu, Camurupim e o Peixe-espada, são facilmente encontrados no período de verão onde a entrada de água marinha tem maior volume.

As espécies, Carapeba, Camurupim, Pescada Amarela, Robalo/Camurim e Tainha, aparecem entre aquelas de valor comercial diferenciado, seguido dos crustáceos (camarão e o Caranguejo Uçá) e os moluscos (“Sernambi - marisco” e ostras), respectivamente.

Quadro 2 - Espécies comerciais citadas nas marés altas e baixas por pesqueiro

Nome do pesqueiro	Espécie (s)	Espécie (s)
	Preponderante (s) capturada (s)	Preponderante (s) capturada (s)
	maré alta	maré baixa
Croa Picada	Arraia de croa, Boca Mole, Camurim, Carapeba, Cururuca, Pampo, Paru, Pescada Amarela, Pescada Branca, Sanhoá, Saúna, Tainha	Camarão, Marisco, Siri, Sururu Ostra
Croa/Croinha	Saúna, Tainha, Camurim	Camarão, Caranguejo Marisco, Siri, Ostra, Sururu
Croa Pontal	Agulha, Amoré, Arraia de Croa, Bagre, Camurim, Carupé, Coró, Espada, Pampo, Paru, Pescada Amarela, Sardinha Azul, Tainha, Saúna, Xaréu	Marisco, Siri, Camarão, Ostra, Sururu
Gamboa do Arrastado	Amoré, Ariaçu, Boca Mole, Carapeba, Camurim, Pampo, Sanhoá, Tainha	<i>Idem</i>
Croa da Prainha	Ariaçu, Arraia, Carapeba, Camurim, Cururuca, Paru, Pampo, Pescada Amarela, Pescada Branca, Sanhoá	Camarão, Caranguejo, Marisco, Siri, Sururu, Ostra
Croa Fucinho	Arraia de croa, Boca mole, Camurim, Carapeba, Cururuca, Pampo, Paru, Pescada Amarela, Pescada Branca, Sanhoá	<i>Idem</i>
Croa a Volta Mofina	Arraia, Boca Mole, Carapeba, Cururuca, Camurim, Pampo, Paru, Pescada Amarela, Pescada Branca, Sanhoá, Saúna, Tainha, Xaréu	<i>Idem</i>
Croa Casco	Agulha, Amoré, Arraia, Bagre, Camurim, Carupe, Coró, Pampo, Paru, Sardinha Azul, Saúna, Tainha, Xaréu	<i>Idem</i>
Gamboa Maruim	Espada, Camurupim, pescada Amarela, Tainha, Saúna, Bagre, Carapeba	Marisco, Siri
Croa de Fora	Arraia, Carapeba, Saúna, Tainha,	<i>Caranguejo, Marisco, Siri, Sururu Ostra</i>
Gamboa Dantas	Sauna tainha, sanhoa, carapeba,	
Gamboa Capim-Açu	Arraia, Boca Mole, Camurim, Carapeba, Cururuca, Pampo, Paru, Pescada Amarela, Pescada Branca, Pururuca, Sanhoá, Saúna, Tainha	Siri, Marisco, Caranguejo
Gamboa Mãe Izabel	idem	Siri, Caranguejo Uça, Sururu, Ostra
Gamboa boca da Gamboa	Arraia, Boca Mole, Camurim, Carapeba, Cururuca, Paru, Pampo, Pescada Amarela, Pescada Branca, Sanhoá, Saúna, Tainha, Xaréu	<i>Idem</i>
Gamboa Tambauzinho	Amoré, Ariaçu, Camarão, Cururuca, Ostra, Pescada Amarela, Tainha	<i>Idem</i>
Gamboa de Iêê	Arraia, Bagre, Saúna, Sanhoá, Siri, Marisco, Ostra, Pampo	<i>Idem</i>
Croa Cemitério	Arraia, Bagre, Marisco, Pampo, Sanhoá, Siri, Ostra	<i>Idem</i>
Croa Ponta da Ilha	Arraia pintada, Arraia Quatro Ventas, Bagre, Pampo, Paru, Siri	Siri, Sururu, Marisco

Areia	Arraia Pintada, Arraia Quatro Ventas, Arraia de croa/mijona, Ariaçu, Bagre, Camarão, Paru, Pampo, Sardinha Azul	<i>idem maré alta +siri</i>
Croa Consolado	<i>idem</i>	<i>Idem</i>

Fonte: Autores (2018).

Os trabalhos de Silva (2006) e Targino (2012) no estuário Itapessoca-PE e na RESEX Acaú/Goiana PB/PE, respectivamente, apontam que as espécies de peixes, crustáceos e mariscos, bem como os petrechos e técnicas de captura são similares àqueles observados na comunidade Forte Velho. No entanto, difere das duas comunidades, a captura do caranguejo, seu beneficiamento e a pesca em diferentes pesqueiros entre homens e mulheres, sugerindo em Forte Velho espacialização trabalhista mais conservadora do que verificado em outras comunidades.

Considerações finais

A pesca representa fonte de renda importante para parcela expressiva da comunidade, sobretudo para as mulheres e pescadores mais idosos. Em Forte Velho, 61.2% dos entrevistados tem rendimento médio familiar inferior a um salário mínimo, o que causa insegurança alimentar; No tocante à escolarização, 31% dos pescadores declararam ter concluído o ensino médio, 58,6% o fundamental e 6,45% não são alfabetizados; A idade dos pescadores entrevistados oscila entre 23 e 70 anos, e o tempo médio de atividade laboral é de 29,8 anos. Identificou-se 20 pontos de pesca, entre Croas e Gamboas, onde são encontradas 24 espécies de peixes; 03 moluscos (Ostra de galho, Sururu de lama e Marisco de areia) e 03 de crustáceos (Caranguejo-Uçá, Siri, Aratu). Em *Forte Velho*, a pesca está em transição ante os inúmeros eventos “desenvolvimentistas” que tem corroborado para ressignificação da atividade, assim como fatores ambientais externos apontados como elementos de instabilidade dos estoques, sobretudo nos últimos 20 anos.

Referências

BEGOSSI A. **O manejo da pesca artesanal**. In: BEGOSSI, A (org.). Ecologia de Pescadores Artesanais da Baía da Ilha Grande. 1.ed. São Carlos: RIMA, 2010. p. 235-286.

CASAL, F. S. C. & SOUTO, F. J. B; **Percepção de ecozonas por pescadores artesanais na Bahia**. Sitientibus série Ciências Biológicas 11(2): 143–151. 2011.

DIEGUES, A. C. **A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil**. Etnográfica, Vol. III (2), 1999, pp. 361-375. Disponível em:<
<http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/leal1.pdf>> Acesso 25 fev 2018.

FURTADO, L. G. **Dinâmicas sociais e conflitos da pesca na Amazônia**. In ACSELRAD, Henri (Org.) *Conflitos Ambientais no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fundação Heinrich Böll, 2004.

GUEDES, L. S da. **Monitoramento geoambiental do estuário do Rio Paraíba do Norte através da cartografia temática e digital de produtos de sensoriamento remoto**. Dissertação de mestrado. UFRN, fls 90, Natal, 2002. Disponível em: <<ftp://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/LucianoSG.pdf>>. Acesso 12 nov 2018.

INEP - **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais**. Anísio Teixeira. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://inep.gov.br/censo-escolar>>. Acesso em 30 jun.2010.

LIMA, M. E. A. de. **Gestão participativa na reserva extrativista Acaú-Goiana: o papel da comunidade de Acaú – PB**. Dissertação de mestrado. UFPE, 156 f, 2016.

LIMA, M. A. L.; DORIA, C. R. C. da FREITAS, C. E. C. de. **Pescarias artesanais em comunidades ribeirinhas na amazônia brasileira: perfil socioeconômico, conflitos e cenário da atividade**. *Ambient. soc.* 2012, vol.15, n.2, p.73-90. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414753X2012000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 02 Ago. 2017.

LUCENA-FRÉDOU, FLÁVIA; EDUARDO, LEANDRO NOLÉ; LIRA, ALEX SOUZA; PELAGE, LATIFA; PASSARONE, RAFAELA; FRÉDOU, THIERRY. **Atividade pesqueira artesanal no Nordeste do Brasil**. P. 374 in *Ciências do mar : dos oceanos do mundo ao nordeste do Brasil : bioecologia, pesca e aquicultura : volume 2* / [editores]Danielle de Lima Viana... [et al.]. -- 1. ed. -- Olinda, PE : Via Design Publicações, 2021.

MALDONADO, S. C. **Mestres & Mares: espaço e indivisão da pesca marítima**. São Paulo. Annalume, 1993.

MARCELINO, R. L.; SASSI, R.; CORDEIRO, T. A.; COSTA, C. F. **Uma abordagem sócioeconômica e sócio-ambiental dos pescadores artesanais e outros usuários ribeirinhos do estuário do Rio Paraíba do Norte, Estado da Paraíba, Brasil**. *Tropical Oceanography*, Recife, v. 33, n. 2, p. 183-197, 2005.

MUSSOLINI, G. **O Cerco Flutuante: uma Rede de Pesca Japonesa que Teve a Ilha de São Sebastião como Centro de Difusão no Brasil**, 1946.

OLIVEIRA, C. V.; SILVA, J. B. da. **Aspectos da pesca no Brasil: contexto, cenários e perspectivas**. *GeoGraphos*. Universidad de Alicante, 2018, vol. 9, nº 107 p. 158-186. Disponível em:< <https://web.ua.es/es/revista-geographos-giecryal/documentos/cleber-vasconcelos-18.pdf>>. Acesso em 09 nov.18.

PETRERE JR., M.; WALTER, T.; MINTE-VERA, C.V. **Income evaluation of small-scale fishers in two Brazilian urban reservoir: represa Billing (SP) and Lagoa Paranoá (DF)**. *Brazilian Journal of Biology*, 66(3): 817-828. 2006.

RODRIGUES, J. A.; GIUDICE, D. S. **A pesca marítima artesanal como principal atividade socioeconômica: o caso de Conceição de Vera Cruz, BA**. *Cadernos do Logepa* v. 6, n. 2, p. 115-139, jul./dez. 2011. Disponível em:< <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/logepa/article/view/11738>>. Acesso em: 06 nov.2018.

SILVA, J. B. da. Territorialidade da pesca no estuário de Itapessoca PE: técnicas, petrechos, espécies e impactos ambientais. Dissertação de Mestrado, 2006. 83 f.

SILVA, S. M. Pesca artesanal: a história, a cultura e os (des)caminhos de Lucena, PB. Dissertação de Mestrado. UFPB. 2012. 122 fls.

TARGINO, G. D. Sobre as águas: a tradição e a pesca artesanal em três comunidades da Reserva Extrativista Acaú/PB Goiana/PE. Tese (Doutorado). UFPB/CCHL. João Pessoa, 2012.